

TERRAS PÚBLICAS

Para não expor os maridos, parentes de militares invasores se organizam e partem para o confronto. Rezam, choram, usam os filhos para evitar a desocupação dos becos. E garantem: ajudarão as colegas de Ceilândia

DF - Polícia

Mulheres avisam que vão resistir

GUILHERME GOULART
E ANA HELENA PAIXÃO

DA EQUIPE DO CORREIO

Elas assumiram a linha de frente. Revoltadas com a desocupação das terras públicas em Taguatinga, mais de 200 mulheres de policiais militares e de bombeiros invasores de becos partiram para o enfrentamento. Desde o início da operação de derrubada do Serviço de Vigilância e Uso do Solo (Siv-Solo), na sexta-feira passada, elas ganharam destaque na tarefa de resistir às retiradas. Seguiram os passos dos agentes de fiscalização e contribuíram para o atraso nos trabalhos. Derrotadas em Taguatinga, prometem atrapalhar a remoção em Ceilândia.

Com os maridos impedidos de protestar, em razão das retaliações prometidas pelo comando das duas corporações, a estratégia foi explorar o constrangimento dos policiais militares em serviço. Vale tudo para sensibilizar o próximo. Crianças no colo, orações e choro. "Não existe uma líder. Agimos na união e de forma pacífica", garante Nilciléa Vaz, 28 anos.

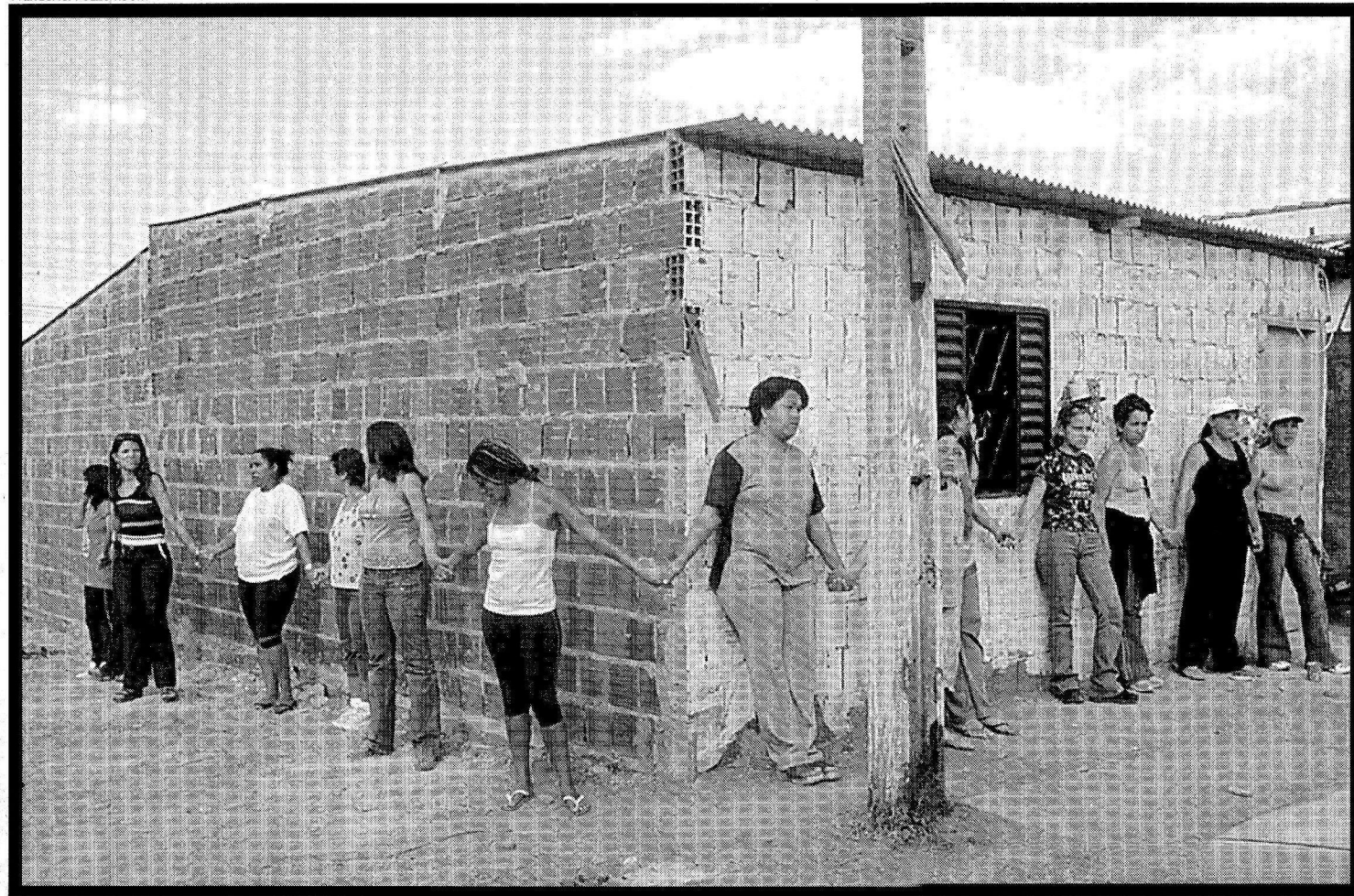
Mulher de PM, a dona-de-casa ajuda na organização do gru-

po. Por meio de telefones celulares, elas definem as ações e marcam reuniões, sempre em locais diferentes. O movimento começou por acaso, a partir de um grupo de conhecidas. Hoje, conta com a participação de 210 mulheres de Taguatinga. Muitas garantem que enfrentam críticas dos maridos e dos familiares pela atitude contra a força policial. "Meu marido não responde por mim. Sou maior de idade."

Sempre que Nilciléa sai de casa, a filha adolescente e a mãe ficam com medo. "O que me leva é a raiva do meu marido não poder falar", afirma. Há um mês, a família gastou R\$ 2 mil para ocupar um beco de uma quadra da QNM, em Taguatinga. O motivo: estavam cansados de pagar aluguel. Durante as ações, as mulheres de Taguatinga recebem apoio das de Ceilândia. Os dois grupos agirão juntos durante as operações de derrubada na cidade vizinha.

Na tarde da última segunda-feira as mulheres provaram a sua força. Cerca de 15 integrantes do grupo feminino de resistência barraram a ação dos fiscais do Siv-Solo com um cordão humano de isolamento em torno da casa da vendedora Miriam Alves Ferreira, 32 anos, que se algemou

Wanderlei Pozzembom



DE MÃOS DADAS, UM GRUPO DE MULHERES DE MILITARES CONSEGUIU QUE A CASA DE MIRIAM FERREIRA NÃO FOSSE DERRUBADA: COMUNICAÇÃO POR CELULARES

em uma das janelas do lugar como forma de protesto.

Com as orações e as ameaças de Miriam de dar um tiro na cabeça, a resistência forçou a vinda de um comandante da PM para uma negociação emergencial. "Estamos aqui para o que der e vier", avisava Jane Oliveira, 36, invasora de um beco na QNJ e integrante da facção feminina. A pressão das mulheres fez com que o marido de Miriam, PM com 13 anos de corporação, conseguisse prazo de dois dias para deixar o lugar. O barraco foi um dos últimos a ser derrubado na operação de ontem. A família já

havia se mudado para a casa da sogra da mulher.

Crianças expostas

A atitude de Miriam teve desdobramentos negativos, especialmente para um de seus filhos. Depois de a mãe aparecer alugada na imprensa, a filha de 13 anos não quer mais sair da casa da avó, em Santa Maria. Na manhã de ontem, a adolescente sofreu gozações dos colegas de aula. "Vamos ter de mudá-la de escola. Não tem jeito."

Os filhos de Elizete Nunes, com 5 e 8 anos, também sentem os efeitos da ocupação de um beco

na QNJ 42. "Desde sexta, quando os tratores vieram derrubar nossa casa, as crianças têm pesadelos", revela a mãe, de 29 anos. Apesar de também ter participado da organização das mulheres, ela faz parte da pequena fração que desistiu da resistência. Elizete garante que vai esperar ser contemplada com um lote pela Secretaria de Habitação.

"Ocupei este lote pelos meus filhos. Vou desistir por eles. Não deixei de mandar as crianças para a escola. Se luto para um futuro melhor para eles, não podia expô-los a este constrangimento", justifica. Uma conversa com o marido

bombeiro, após ele se apresentar ao comando da corporação, também ajudou na decisão.

Na manhã de ontem, enquanto desocupavam o beco, a família de Elizete recebeu uma boa notícia: estão livres do aluguel. Um cunhado da mulher permitiu que ela construísse nos fundos de sua casa e um amigo vai pagar o aluguel enquanto as obras não forem concluídas. "Acho que valeu. Lutei pelo que acreditava, fiz amigas e nos ajudamos. Mas não suporto mais. Não estarei com elas na resistência em Ceilândia", encerrou a mulher, levando suas coisas para a casa do cunhado.